

## TEMA DE OUTRO SÉCULO

**\* Roberto Rodrigues**

Voltou ao cenário político brasileiro o tema “revisão dos índices de produtividade”.

De que se trata? Nos anos 60 do século passado, a agropecuária brasileira não era um setor homogêneo em termos tecnológicos, e havia muita gente ineficiente. Por outro lado, a reforma agrária era considerada uma necessidade, por todos os argumentos conhecidos, desde a exagerada concentração de propriedade de terra (os chamados latifúndios por extensão e também os improdutivos) até a alegada maior eficiência de pequena propriedade, passando, obviamente pela oportunização de acesso à terra aos trabalhadores rurais. Criou-se então o conceito de eficiência produtiva com base na produtividade da terra, e foram fixados números mínimos aceitáveis, abaixo dos quais as terras ficariam sujeitas à desapropriação para fins de reforma agrária. Sem entrar no mérito dos argumentos, os tais índices faziam sentido, na medida em que os produtores rurais seriam compelidos a investir em tecnologia para “escaparem” à ameaça de desapropriação.

Mas isto foi no século passado! O tempo passou, os planos de estabilização da economia fizeram um desastre social no campo, eliminando milhares de produtores ineficientes, sobretudo pequenos, e se fez uma reforma agrária às avessas. E agora, em função de compromissos eleitorais, o tema volta à baila.

É todavia, um anacronismo.

Recente estudo da área estratégica do Ministério da Agricultura mostrou que o extraordinário crescimento da agropecuária brasileira se deveu fundamentalmente ao aumento de produtividade. Isto é, nossos produtores investiram em tecnologia agrícola e pecuária e também em gestão, dando grande competitividade ao campo.

Segundo o estudo, de 1975 a 2008, a taxa de aumento de produto agropecuário foi de 3,68% ao ano, bastante significativa diante dos problemas enfrentados (como, de novo, os planos econômicos para estabilização da moeda), a abertura comercial sem nenhum cuidado e a falência das políticas públicas para o setor.

E de 2000 a 2008, o crescimento foi maior, de 5,59% ao ano, por que os investimentos em tecnologia foram mais expressivos.

Os resultados são impressionantes. De 1990 até o ano passado, por exemplo, a área plantada com grãos no país cresceu 25,7%, enquanto a produção cresceu 131,1%. Isto também mostra a espetacular sustentabilidade das tecnologias empregadas: se tivéssemos hoje a mesma produtividade de 20 anos atrás, precisaríamos de quase o dobro da área cultivada. Ou seja, muita área florestal foi preservada!

O estudo do MAPA mostra ainda que entre 1975 e 2008, a produção de carcaça de carne bovina saltou de 10,8 quilos por hectare para 38,6 quilos! E a área de pastagem só aumentou 3,6%, saindo de 165 para 171 milhões de

hectares. A produção de leite no período cresceu 360% e a carne de aves saiu de 372 mil toneladas para 10,18 milhões de toneladas.

O mesmo aconteceu com a cana-de-açúcar, carne suína, flores, frutas, florestas e assim por diante, gerando empregos e renda para o país. Um dado notável: em 1998 o agronegócio exportou 21 bilhões de dólares; em 2008, 71 bilhões!

Aliás, no período referido, o MAPA avaliou também o PTF (Produtividade Total dos Fatores, que é o melhor indicador do uso dos recursos na agricultura), e concluiu que a PTF cresceu 3,68% ao ano.

Ficou claro que a expansão da agropecuária se deu com menos uso de trabalho e com o positivo maior uso do capital investido em máquinas, equipamentos e fertilizantes. Tecnologia, em outras palavras.

O MAPA comparou estes dados com os de outros países, concluindo que, nesta década, o PTF brasileiro foi o que mais se expandiu, em 4,98%, enquanto na China foi de 3,2% entre 2000 e 2006, e nos Estados Unidos de 1,95% entre 1975 e 2006. Na Argentina, mesmo com seus excelentes recursos naturais, o PTF cresceu apenas 1,84% entre 1960 e 2000.

Por tudo isso, para que mexer agora nos índices de produtividade? Não seria um castigo para quem tanto investiu?

E ademais, porque índice de produtividade só na agricultura? Fica parecendo uma ação dirigida contra os produtores rurais, por razões desconhecidas: preconceito? Ideologia?

Fábricas, supermercados, lojas, cinemas, empresas de outros setores os têm? Claro que não: na economia globalizada, o mercado desapropria quem não for competitivo.

No agronegócio também é assim hoje: produtor que por qualquer razão não for eficiente, é eliminado pelas suas próprias dificuldades. O mercado é impiedoso.

Não precisa nenhuma autoridade estabelecer os limites da eficiência. Eles já estão dados, e mundialmente.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**